

RETRAÇÃO. Área plantada caiu de 25 mil hectares para 12 mil hectares

Pragas reduzem em 50% a produção de coco

Falta de recursos inviabiliza o combate ao agente causador

SEVERINO CARVALHO
REPÓRTER

Maragogi – As 33 pragas identificadas e que acometem os coqueirais alagoanos provocam uma perda estimada de 50% da produção. Por ser uma atividade desenvolvida principalmente por micro e pequenos produtores e devido ao porte das plantas, não se faz o devido combate por falta de recursos, de equipamentos e de assistência técnica.

“A área plantada vem caindo ano após ano. Tínhamos 25 mil hectares e agora 12 mil. E em processo de redução! São cerca de 5.300 produtores com área média de 2,3 hectares. Nesse ritmo, estamos em processo de extinção”, alertou o presidente da Associação dos Produtores de Coco de Alagoas (Prococo), Bruno Brandão.

O maior perigo, entretanto, tem cor rubra, que remete ao perigo. Trata-se da recém-descoberta praga quarentenária do ácaro-vermelho-das-palmeiras (*Raolielia Indica Hist*).

Por se tratar de pra-



Maior perigo para o setor é a recém-descoberta praga quarentenária do ácaro-vermelho-das-palmeiras

ga quarentenária, existe a possibilidade de graves danos à produção de coco no Estado de Alagoas com até 90% de perdas econômicas ou até mesmo a morte das plantas. Há ainda o risco iminente de restrições à comercialização do coco seco de Alagoas para fora do Estado.

REGISTRO

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o primeiro registro do ácaro-vermelho-das-palmeiras no Brasil foi em 2007, em Roraima,

e houve, ainda, registros dessa praga no Amazonas, Ceará e São Paulo.

O ácaro pode atacar coqueiros, bananeiras, dendzeiros e mais de noventa espécies de plantas, prin-

Ataque

Segundo a Embrapa, o ácaro-vermelho-das-palmeiras pode atacar coqueiros, bananeiras, dendzeiros e mais de noventa espécies de plantas, principalmente palmeiras

cipalmente palmeiras, causando o amarelecimento severo e necrose das folhas e, conseqüentemente, a redução drástica da produtividade, principalmente em plantas novas e mudas em viveiros.

Bruno Brandão lembra que um grupo de trabalho foi criado por meio de Portaria da Secretaria de Estado da Agricultura, Pesca e Aquicultura (Seagri), envolvendo, dentre outras instituições, a Prococo, a Embrapa, a Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o Instituto Federal (Ifal) e órgãos estaduais, a exemplo da Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária de Alagoas (Aideal) e da própria Seagri.

O grupo apontou, há cerca de três meses, a necessidade de remoção radical das plantas infectadas pelo ácaro-vermelho em Maceió, primeiro foco identificado da praga no Estado. O trabalho de combate, segundo ele, caberia à Secretaria Municipal de Proteção ao Meio Ambiente (Sempma), mas ainda não foi iniciado.

“Isso é lamentável e põe em risco todos os nossos coqueirais e as cerca de 11 mil pessoas que trabalham na atividade. Já protocolamos junto ao Ministério Público pedido de providências”, disse Brandão, lembrando que as plantas atingidas pela praga já foram demarcadas para remoção.

“A recomendação fitossanitária é erradicar as plantas atingidas. Se não houver a erradicação, o mal se multiplica rapidamente com sérios prejuízos”, revela o superintendente de Desenvolvimento Agrário da Seagri, Hibernon Cavalcante.

Ele recorda que levantamento realizado há cerca de três meses detectou a presença do ácaro-vermelho em Maceió. No trecho que vai do Pontal da Barra à Cruz das Almas foram encontradas mais de 300 plantas atacadas pelo mal.

Hibernon Cavalcante lamenta que as medidas de erradicação das plantas afetadas não tenham sido adotadas a tempo, o que provocou a disseminação da praga; antes confinada a Maceió, agora pelos coqueirais do Litoral Sul de Alagoas. “Se você não controla o foco, há risco de disseminação, que é o que está acontecendo na prática agora, de Maceió a Coruripe. Infelizmente, o produtor vai sentir na pele os prejuízos”. Estudo técnico também está sendo feito nos coqueirais do Litoral Norte do Estado. ◻